

OS LAÇOS ENTRE LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS NEGROS E A ESCOLA: O MÉTODO RECEPCIONAL COMO REFORÇO DESSES LAÇOS

Dênis Moura de Quadros¹

RESUMO: Muitos dos textos trabalhados em sala de aula advindos da literatura para crianças e jovens não abordam, de forma geral, o tema racismo, para tanto elencamos o método recepcional como uma das alternativas viáveis de (re) encontro entre escola e literatura para crianças e jovens, em especial negros, e analisaremos três obras da literatura para crianças e jovens como exemplo dessa aplicação: "Minha mãe é negra sim", texto de Patrícia Santana e ilustrações de Hyvanildo Leite; "Que cor é a minha cor?", texto de Martha Rodrigues e ilustrações de Rubem Filho e "O mar que banha a ilha da Goré", texto de Kiusam de Oliveira e ilustrações de Taisa Borges.


PALAVRAS-CHAVE: Formação do leitor; (D) escolarização da leitura; negritude.

Os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVII e no século XVIII, há nesse período a mudança no conceito de família baseado em laços de sangue por um modelo de família burguês baseado em núcleo unicelular, onde o pai ocupa papel central e tem como base a estimulação de um afeto entre os membros desse núcleo. (ZILBERMAN, 2003).

É através desse sistema educacional que procura educar os alunos de acordo com os códigos sociais vigentes que a literatura para crianças começa a ser produzida. Essa produção de cunho pedagógico ainda sobrevive e sua produção continua a ser consumida e lida na escola. Esse nascimento conturbado da literatura para crianças se dá pela necessidade atribuir valores e morais (a velha moral da estória) às leituras na educação desse indivíduo e são escritas, principalmente, por professores e educadores com esse intuito moralizante.

Com esse surgimento de diferenciação entre adultos e crianças, a necessidade de delimitar quando começa e quando termina a infância começaram a surgir e dessa busca de delimitação surge alguns entre lugares como a adolescência e a pré-adolescência, demarcações que até hoje são discutidas e contrariadas. Para tanto, buscaremos

¹ Mestrando em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande.



compreender o que seria uma literatura para crianças e jovens pensando nesses conceitos instáveis.


[...] a definição de infância muda, mesmo no âmbito de uma cultura pequena, aparentemente homogênea, tal como muda o entendimento das infâncias do passado. Quando se tenta, por exemplo, descrever “infância” em qualquer momento, depara-se com uma série de paradoxos. (HUNT, 2010, p.94)

Outro conceito instável é o de literatura, conceito amplamente discutido pelos críticos e estudiosos sem se ter chegado a um conceito que abarque a literatura em todos os seus ângulos. Partindo de conceitos instáveis: literatura e infância chegamos à literatura para crianças e jovens, um campo, ainda, pouco estudado e que sofre por tramitar entre dois campos diferentes: a pedagogia e a literatura.

Definir literatura infantil pode parecer uma demarcação de território, mas apenas na medida em que o objeto necessita de alguma delimitação para ser manejável. No entanto, a despeito da instabilidade da infância, o livro para criança pode ser definido em termos do leitor implícito. (HUNT, 2010, p.100)

Dessa forma, compreendemos que a literatura para crianças e jovens é, relativamente, um campo novo de estudo e que, talvez, por isso é pouco explorado. A literatura para crianças e jovens tramita entre dois grandes polos de produção: livros para crianças e jovens com objetivos estritamente pedagógicos e livros que apresentam uma ligação com o artístico, com o literário e com o fantástico sem deixar de ser um meio de aprendizagem.

Assim como não merece os desprestígio de textos puramente pedagógicos e com pouco, ou nenhum, valor literário, o campo de pesquisa não deve ser desprestigiado, ao contrário, deve ser amplamente pesquisado, pois ainda há muitas lacunas de entendimento dessas obras de literatura. Dessa forma, por termos uma literatura autônoma, mas que segue as regras da literatura, ou que se define como literatura atualmente, contendo, por exemplo, a literariedade, segundo Compagnon (2012): linguagem rebuscada, estranhamento e rede metafórica cerrada. Claro que essa literariedade é acompanhada de uma adaptação.



Todas essas características da literatura estão presentes nas obras de literatura para crianças e jovens, contudo não podemos esquecer que há uma diferença entre escritor e leitor. Enquanto que uma obra destinada a um público adulto é, também, escrita por um adulto, quando falamos em literatura para crianças e jovens o público leitor é outro, com outras demandas e outras construções de significado. É importante saber que essa diferença está apenas na assimetria, sendo que os temas não possuem um limite ou uma interdição.


Pensando nessa assimetria e nos estudos acerca da literatura para crianças e jovens é possível percebermos um olhar, de acordo com Lypp (1977 apud. Zilberman, 2003), “adultocêntrico”. Pois:

[...] embora seja consumida por crianças, a reflexão sobre o produto oferecido a elas provém do adulto, que a analisa, em primeiro lugar, de acordo com seus interesses e que, além disto, a descreve em comparação com o tipo de arte posta à disposição dele, qual seja, a literatura propriamente dita, sem adjetivos. (ZILBERMAN, 2003, p.63)

Este adultocentrismo que permeia os estudos e as produções literárias para crianças e jovens é, talvez, o que não permite um aprofundamento nos estudos de uma literatura autônoma que articula literatura de forma, também, autônoma. Contudo, uma maneira válida de analisarmos as obras destinadas ao público infantil e juvenil e conseguirmos ficar isentos do olhar do adulto, uma chamada traição ao leitor, é pensar nas obras sob o viés de uma adaptação e para tanto há quatro níveis de adaptação: adaptação do assunto; adaptação da forma; adaptação do estilo e adaptação do meio. (ZILBERMAN, 2003).

O primeiro nível de adaptação é o assunto, esta adaptação não se concentra em que assuntos podem ou não ser abordados em uma obra destinada ao público infantil e/ou juvenil, mas a maneira como o assunto será abordado e desenvolvido. Dessa forma, escrever sobre temas polêmicos como sexo, violência e outros é possível conquanto que o tema seja adaptado respeitando a compreensão dos seus leitores.

O segundo nível de adaptação é a forma. Temos que ter em mente, para a compreensão da adaptação desse nível, o leitor pressuposto da obra a ser analisada que dará as coordenadas desse nível de adaptação. Pensando no leitor, é importante que a




obra apresente um enredo linear e personagens que sirvam de meio para a compreensão desse enredo, neste nível entra a presença representativa do fantástico nas obras, seja permeando toda a obra, no caso do leitor infantil, ou alternando com o real, no caso do leitor juvenil.

O terceiro nível de adaptação das obras literárias para crianças e jovens é o estilo. Atentando, também, para o leitor pressuposto dessa obra, o vocabulário que será empregado na obra deve ser acessível ao público a que se destina. A ordem sintática das frases deve ser respeitada, pois este leitor está em fase de aquisição da escrita e mesmo que não haja pesquisas que comprovem que leitores escrevem melhor que não leitores, neste caso, a ordem sintática das frases tem relação à compreensão do texto lido.

O quarto e último nível de adaptação é o meio, na forma como este livro é apresentado ao pequeno leitor. Neste nível analisamos as ilustrações, a capa, o tamanho do livro e todas as qualidades gráficas presentes na obra. Temos que perceber, também, as cores e ilustrações que o ilustrador, juntamente com a editora, escolheu condizem com a estória contada, bem como se essa capa chama a atenção para este leitor em formação deixando-o motivado para a leitura.

Atentando para estes quatro níveis de adaptação da obra literária para crianças e jovens que irão reduzir a assimetria entre autor e leitor, podemos classificar, ou compreender melhor as nuances dessa literatura. Contudo, mesmo adaptado, o autor trairá seu leitor em algum aspecto, será perceptível em alguma frase, palavra ou ilustração que a traição ocorrerá deixando explícita a assimetria.

A produção de livros de literatura para crianças e jovens cresce no Brasil com o aumento de vagas nas escolas públicas, contudo quantidade não é sinal de qualidade. Atualmente, o número de publicações de livros para crianças e jovens é alto e o que mais vende no mercado, ao lado da venda de bíblias, é obras dessa literatura, contudo, ao serem analisados, a grande maioria desses livros apresentam muito pouco, ou nenhum, valor literário, indo para o outro polo: são livros pedagógicos e que objetivam ensinar as crianças atividades básicas como a alimentação e higiene pessoal. Não podemos esquecer que é na escola que a maioria dos alunos terá acesso a esses livros, pois, infelizmente, a cultura do livro é pouco difundida na família brasileira que delega para escola muitas das suas antigas funções.




Esse aumento de livros para crianças e jovens advindos de uma necessidade escolar é, por um lado, positivo, pois faz com que as editoras abram espaço para a publicação de escritores e ilustradores dispostos a produzirem livros com qualidade, contudo, faz com que os contos renomados da literatura sejam mal adaptados, apresentando algumas obras belas em suas ilustrações, mas sem qualquer valor literário, trazendo textos desconexos e estórias que não condizem com seus originais. Além disso, essa abertura força as editoras a publicarem um grande acervo, contudo sem qualidade. É importante ressaltar que há no Brasil autoras como Ana Maria Machado e Lygia Bojunga e outras que produzem livros com qualidade literária e que tem suas obras reconhecidas mundialmente através do prêmio Hans Christian Andersen.

As bibliotecas escolares são um dos problemas que se apresentam na divulgação e no trabalho com as obras literárias e um problema maior quando falamos em literatura para crianças e jovens. Livros encastelados não chegam ao seu destino primordial que é o leitor. Portanto, a criação de políticas de formação de leitores que, efetivamente, contribuam para que a literatura para crianças e jovens seja lida por eles é muito importante. Essa relação entre literatura e escola, escola essa berço da literatura para crianças e jovens, deve ser valorizada, buscando alternativas viáveis para que essa relação seja duradoura e mantenha firmes laços que resolverão, ou estarão perto de resolver, as velhas crises de ensino.

O PNBE (Plano Nacional Biblioteca na Escola) cuja lista de acervo a ser enviado para as escolas públicas data de 2011² traz poucos títulos que abordem o preconceito racial, lembrando que essa discussão está prevista nos temas transversais dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) para a educação. Contudo, não podemos esquecer que os livros deste acervo distribuídos pelo Brasil constituem em muitas as escolas a única fonte de material literário para as bibliotecas, independente de seus títulos que, ao nosso ver, contribuem para a formação do leitor.

Quando falamos em formação do leitor a literatura para crianças e jovens nos parece ser a obra e o momento mais propício para formar este leitor que se tornará, possivelmente, um leitor literário. Há uma preocupação com a leitura de clássicos da literatura por leitores mais maduros insistente na formação do leitor e, também, na escola que busca educar esses indivíduos para a sociedade, contudo, esta preocupação

² Em pesquisa ao site: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos>




com a leitura de um determinado gênero ou de determinados títulos faz com que o leitor seja obrigado a lê-los e compreendê-los o que nem sempre é possível por vários motivos. Essa necessidade de buscar um diálogo com a obra lida é o que devemos levar em consideração inclusive falamos de literatura para crianças e jovens, pois: “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (LAJOLO, 2005, p.15).

A formação do leitor aliada à literatura para crianças e jovens é um ponto em comum na escolarização da literatura, e, talvez, seja ela o começo do diálogo que abrirá o espaço que está sendo negado na escola. Apresentaremos aqui o método recepcional e a sequência básica expandida, duas práticas de leitura que levam em conta o leitor, pois: “A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência” (COSSON, 2007, p.17).

A sequência apresentada por Cosson assemelha-se com o método recepcional, como veremos, pois ambos os métodos de leitura preocupam-se com a compreensão do texto por parte do leitor. Contudo, percebemos que o método recepcional de leitura, ainda, “é estranho à escola brasileira, em que a preocupação com o ponto de vista do leitor não é parte da tradição” (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 81). São cinco as etapas que o método recepcional contempla: a primeira é a determinação do horizonte de expectativas do leitor; o segundo é o atendimento desse horizonte de expectativas determinado; o terceiro é a ruptura desse horizonte atendido; a quarta etapa é o questionamento desse horizonte de expectativas que foi rompido e por fim a ampliação desse horizonte.

O método de leitura apresentado acima, pautado na estética da recepção, prevê que o professor compreenda qual é o horizonte de expectativas do aluno e sondar esse gosto do leitor é um trabalho que necessita de maior tempo, pois o professor deve conhecer esse leitor em formação. Além disso, atender esse horizonte de expectativas exige que o professor conheça e tenha lido um extenso número de obras e, se tratando de literatura para crianças e jovens, distingui-las entre obras literárias e obras pedagógicas.

A conexão entre autor-obra-leitor que é levado em conta no método recepcional propõe uma mudança na educação que prima por um modelo tradicional de ensino. Tal modelo prioriza, nas aulas de língua portuguesa, o estudo gramatical e, com algumas aberturas, o estudo de algumas classes gramaticais e seu sentido no texto. A literatura




recebe espaço apenas no ensino médio, onde há uma disciplina com a carga-horária de uma hora-aula por semana e que, em função dos vestibulares e outras exames de admissão ao ensino superior, primam pela periodização literária, como se a literatura coubesse em caixas. Já no ensino fundamental ela não entra e quando o faz entra de viés, atrelado ao estudo de gramática ou através da interpretação textual que educa os alunos para uma leitura correta: a do professor.

O espaço que é dado para a literatura na educação brasileira é irrisório, a leitura de textos, quando ocorrem, se resumem em textos presentes nos livros didáticos adaptados e fragmentados e com perguntas acerca do texto já prontas e tendenciosas que não permitem a reflexão e a crítica por parte dos alunos. Dessa forma, vemos no método recepcional uma alternativa, dentre outras, para o trabalho com literatura e, nesse trabalho, a literatura para crianças e jovens.

Ao determinar o horizonte de expectativas do aluno, sondando que texto ele está acostumado a ler ou que ele não lê nenhum texto é possível buscar uma obra que dialogue com este leitor, ou seja, uma obra cujo leitor pressuposto se adéqua ao leitor em formação. Conhecer o aluno tendo em mente o leitor que pretendemos formar é possível pensarmos na gama de assuntos a serem trabalhados e propostos e com isso buscar no acervo disponível obras que trabalhem com esses assuntos.

Atender o horizonte de expectativas desse leitor é buscar entre os inúmeros títulos que as editoras dispõem e que as bibliotecas escolares estão abarrotadas um que consiga fazer sentido ao nosso leitor. Atender a esse horizonte de expectativa exige do professor o conhecimento dos livros disponíveis, contudo não apenas saber que títulos estão a disposição do aluno, mas conhecer o tema e conhecer o livro, percebendo os níveis de adaptação da obra para atenuar a assimetria entre autor e leitor. Salientamos que os livros disponíveis nas escolas públicas são, em sua grande maioria, advindos do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) e que, portanto, são livros que passam por um crivo de qualidade.

O passo mais importante, do método recepcional, em relação ao horizonte de expectativas do leitor é rompê-lo. O rompimento do horizonte antes atendido se dá pela leitura de outra obra mais complexa e que trabalhe com a mesma temática. Romper esse horizonte exige, também, o conhecimento do docente acerca das obras que serão lidas, lembrando que é impossível formar leitores sem ser um. A escolha da obra a ser




lida/sugerida nesse momento deve romper, colocar em xeque as verdades que o leitor toma como suas, fazendo-o refletir e duvidar dessas verdades, ou seja, balançar as estruturas, até então, firmes na mente do leitor.

Por fim, romper esse horizonte não garante que o leitor o amplie, pois pode ocorrer um afastamento entre literatura e aluno, afastamento esse que não é nosso objetivo. Para tanto, há o momento de reflexão desse horizonte de expectativas rompido que, através do diálogo, discussão e reflexão será ampliado, mudado. Após, segue o ciclo de atendimento, rompimento, discussão/reflexão e ampliação do horizonte de expectativas do leitor.

Voltando a lista de acervo de livros para crianças e jovens do PNBE, de 2006, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013 encontramos apenas em 2009 as obras **Um menino invisível** de José Marcelo Rodrigues publicado pela editora Mazza; **Contos de Mirábil** de Édimo de Almeida Pereira (mazza edições). **Bebo chá enquanto os pato grasnam** de Leida Lusmar Rodrigues Botello (mazza edições) em 2010 a distribuição da obra **Betina** de Nilma Lino Gomes (mazza edições) e, por fim em 2011 a distribuição da obra **Omo-oba: histórias de princesas de Kiusam** de Oliveira (mazza edições). Por fim, a lista do acervo de 2013 conta com a obra **Sete diásporas** de Lan de Onawale (mazza edições). Recordando que a Lei 10.639/2003 que prevê o estudo da África e da cultura afro-brasileira, ainda, não exige do Estado condições e arcabouço mínimo de sua real implantação. Logo, a ausência de livros para crianças e jovens que abordem o preconceito racial, a cultura afro-brasileira denotam a necessidade de pesquisa e distribuição dessas obras.


Das obras literárias para crianças e jovens que abordam o tema do racismo elencamos **Nó na garganta** (1991) de Mirna Pinsky para iniciarmos nossa discussão e análise das obras aqui propostas. Mirna Silva Gleich (1943-) mestre em Teoria Literária pela USP, possui várias obras infantis e juvenis, dentre elas **Nó na garganta** que traz Tânia, menina negra que muda-se para o litoral com seus pais na esperança de uma vida melhor. O racismo na obra de Pinsky é, de certa forma, muito bem adaptado com passagens sutis que tocam mais fundo esses sujeitos oprimidos. Contudo, uma peculiaridade da autora torna-se pungente na presente pesquisa: ela é branca. Logo, mesmo que tenha percebido esses momentos e esses espaços de preconceito racial a visão da autora parte, sempre, do olhar do Outro e desfigura a experiência pessoal.



Contudo, é uma ótima obra para ser trabalhada, lida, questionada em sala de aula com alunos na faixa etária dos nove aos doze anos de idade.


Partindo para a análise dos livros aqui propostos começamos, por ordem cronológica, com a obra **Que cor é a minha cor?** escrita em 2005 por Martha Rodrigues e ilustrada por Rubem Filho da mazza edições. Além de **Que cor é a minha cor?**, Martha publicou pela mazza **Gabriela a princesa do Daomé** (2013) e **A princesa e o vento** (2007). **Que cor é minha cor** já está na quarta reimpressão (2016) e traz, sobretudo, questões raciais e de tonalidade de pele ou, como é abordado, colorismo. Acerca do assunto em comum às três obras, o racismo, a abordagem do assunto pela autora é feita de forma extremamente sutil, onde o colorismo e a presença de várias etnias no Brasil toma maior parte da obra. Rodrigues é extremamente literária, em relação aos polos literatura-pedagogia e o ilustrador Rubem Filho faz um ótimo trabalho apresentando constantemente lápis de cores como elemento lúdico. Apesar da personagem não ter um nome e a ausência de uma estória, a obra apresenta-se como uma conversa sobre as muitas cores do mundo. “E nessa roda de muitos marrons, estou eu, você”. Percebemos que a obra começa com um lirismo, um jogo de palavras de encontrar a menina no meio de uma árvore, correndo de uma jaguatirica, entre outros e do meio para o fim, torna-se mais pedagógica com a apresentação das etnias que constituem o Brasil e sua miscigenação. Acerca da forma, Martha Rodrigues monta frases curtas com ordem sintática normal e com um vocabulário muito simples para leitores na faixa etária dos oito aos dez anos de idade. O livro é pequeno (15x15cm), bem colorido, a ilustração dialoga com o texto e preenche toda página, Rubem Filho explora vários elementos africanos e afro-brasileiros como carrancas e leões no quarto da menina. A obra é extremamente literária e privilegia a leitura individual a contação de história.

A segunda obra analisada é de Patrícia Santana, diretora da Escola Municipal Florestan Fernandes em Belo Horizonte, publicou pela mazza **Entremeio sem babado** (2007) e **Cheirinho de neném** (2015), bem como **Minha mãe é negra sim!**. Diferente da obra de Martha Rodrigues, a obra de Patrícia Santana traz Eno, um menino negro que entra em conflito com a professora que lhe pede para pintar a mãe de amarelo, pois fica mais bonito. Eno, como indicado abaixo da dedicatória, é um nome de origem nigeriana e significa Presente. O livro é dedicada a “um menino-homem” que fora “xingado de



“Urubu do Perrela” e a todos os Enos, meninos que sofreram preconceito racial. A abordagem do assunto possui alguns pontos, ainda, adultos como, por exemplo, a forma como Eno irá enfrentar a professora em sala de aula. O conflito apresentado na cena inicial da obra não tem um desfecho positivo. Esse ponto, segundo Zilberman (2003), encontra-se a traição ao leitor, onde em meio a uma obra destinada ao leitor infantil, a visão do adulto sobrepõe-se. O enredo da obra é linear partindo do conflito entre Eno e a professora de Artes que sugere que Eno pinte o desenho de sua mãe de amarelo para ficar mais bonito. Eno encontrará nas palavras do avô resolução para seu “banzo”, onde este personagem servirá de mediador e, representando o ancestral, trará a negritude, segundo Bernd (1984), a tomada de consciência da história dos antepassados diaspóricos de Eno. Acerca do estilo, a ordem sintática das frases e as frases curtas e médias indicam um leitor na faixa-etária dos dez aos doze anos de idade, tirando a presença de “banzo” explicada após seu uso, o vocabulário é simples e compreensível. O livro é pequeno (15x15cm) e as ilustrações captam a tristeza de Eno ao ser posto em contradição pela professora acerca da cor de sua mãe. Contudo, na página 10 e 11 a ilustração não dialoga com o texto, ao que parece um erro de edição, pois a ilustração da página 11 dialoga com o texto da página 12. Apesar de tratar de forma mais brusca o racismo na escola, a obra traz um fundo muito expressivo de vivência, de realidade e, logo, é propícia para a discussão desse tema transversal.


Kiusam de Oliveira é a única das nossas autoras a ter um livro distribuído pelo PNBE, como vimos, em 2011, **Omo-Oba: histórias de princesas**. Publicou também **O mundo no Black Power de Tayo** (2013); a obra aqui analisada **O mar que banha a ilha de Goré** (2014) e **Esconde-esconde** (2015). Kiusam é paulista e doutora em educação pela USP, pesquisadora das relações étnico-raciais e educadora. **O mar que banha a ilha da Goré** traz a travessia inversa dos escravos africanos no século XVI e apesar de parecer mais pedagógico do que os outros é extremamente literário, misturando prosa e verso, além de trazer vários elementos africanos para o conhecimento do leitor. As palavras de Carlos Moore no prefácio da obra traduzem muito bem a obra de Kiusam que: “consegue criar o belo sem esquecer da verdade das coisas, da tragédia; reativar a memória sem apagar o amor”. O leitor pressuposto dessa obra pertence a faixa etária dos dez aos doze anos e a obra é dividida em quatro capítulos: O mar: ancoragem; O baobá: acolhida; O tambor: sabedoria; O apito:



despedida. Dos três aqui analisados, **O mar que banha a ilha de Goré** possui a melhor adaptação de assunto, mesclando a literariedade com os ensinamentos pedagógicos. Acerca da adaptação da forma, a obra traz dois personagens Kika, brasileira de 8 anos e Laith, menino senegalês de 13 anos, cada um de um lado do mar. O enredo é linear e a obra começa e termina com: “Serenou o mar... De verde-jade, serenou o mar”. Apesar da constante presença de metáforas e palavras de origem africana, a ordem sintática das frases não é inversa, seguindo o padrão usual. O livro é grande (19,5x29cm), bem ilustrado, cujas ilustrações dialogam e complementam o enredo escrito por Kiusam de Oliveira.

Pensando nessas três obras e o método recepcional, que, como já dissemos, prevê cinco momentos, e em relação a formação dos jovens negros, percebemos que podemos montar um projeto utilizando as três obras. Partido do pressuposto de que o horizonte de expectativa dos alunos, na faixa etária dos dez aos doze anos, converge no ponto de que o que nos faz especial são as nossas diferenças, seja de cor, sexo ou credo, iniciamos a discussão do racismo com **Que cor é minha cor?**, explorando os recursos gráficos que a obra comporta e a questão do colorismo. A ruptura dessa discussão, partindo para um tema mais agressivo com **Minha mãe é negra sim!**, com alguma ressalvas da questão da relação conflituosa com a professora de Artes. Partindo da leitura e trabalho interpretativo das duas obras que, mesmo complementando-se, abordam o mesmo tema de forma antagônica, iniciamos o quarto passo do método recepcional, a discussão do horizonte de expectativas. Por fim, a ampliação do horizonte de expectativas fica a cargo da leitura e trabalho interpretativo da obra de Kiusam de Oliveira e Taísa Borges, **O mar que banha a ilha de Goré**.

A escolha das obras aqui analisadas não foram, como é possível perceber, aleatórias, utilizamos como critério de escolha obras que, complementando-se, nos servissem para a discussão e aplicação do método recepcional, ainda, estranho a educação básica, mas que, onde foi aplicado, demonstrou bons resultados em relação à formação do leitor. Ao que parece, a escolarização da literatura para crianças e jovens afasta os livros e as obras do meio familiar, este afastamento também pode ser percebido nas escolas que, encastelando livros na biblioteca, não permitem um livre trânsito entre obra e leitores. Um problema que sempre aparece é a questão dos livros que, não pertencentes à lista de acervo do PNBE, estão indisponíveis nas escolas e, ao



serem escolhidos para a leitura pelos professores necessitam de verbas, nem sempre disponíveis. Logo, o método recepcional não prevê, apenas, a leitura coletiva, mas pauta-se na formação individual de cada aluno-leitor, logo alunos negros não têm acesso a obras que falem de seus ancestrais. É sempre válido lembrar que a formação de um acervo de livros pode e deve partir dos professores que, aos poucos, vão adquirindo obras, ao seu crivo, emprestadas aos alunos e percebendo seus interesses e sua formação literária.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2ª Ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- COSTA LIMA, Luis. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. 2ª Ed. Rev. E ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6ª Ed. São Paulo: ática, 2005.
- LYPP, Maria. Einleitung. In: LYPP, Maria. *Literatur für kinder*. Gottigen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1977. In: ZILBERMAN, Regina. *A Literatura infantil na escola*. 11ª Ed. Atual. E ampl. São Paulo: Global, 2003.
- OLIVEIRA, Kiusam. **O mar que banha a ilha da Goré**. Ilustração Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis: Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- RODRIGUES, Martha. **Que cor é a minha cor?** Ilustrações de Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza edições, 2005; (griot mirim)
- SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim!** Ilustração de Hyvanildo Leite. Belo Horizonte: Mazza edições, 2008.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11ª Ed. Atual. E ampl. São Paulo: Global, 2003.